

DOS SIGNOS SONOROS AOS SIGNIFICADOS ESPACIAIS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA WEBSÉRIE, O DEMOLIDOR¹

Breno pessoa de ARAUJO²

Jefferson weyne castelo de OLIVEIRA³

Diego Frank Marques CAVALCANTE⁴

Faculdades Nordeste – Fanor Devry, Fortaleza, CE.

RESUMO

O objetivo desse artigo é fazer uma análise semiótica da websérie: o Demolidor. Trata-se de analisar a perícia do personagem principal, Matthew Mudorck que é deficiente visual, em sua capacidade de extrair significados espaciais dos signos sonoros, situando-se nas mais complexas situações. Utilizando-se da Semiótica proposta por Peirce, serão analisadas as traduções desses significados em suas cenas da Websérie.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; ficção; comunicação; semiótica; websérie.

INTRODUÇÃO

A websérie Demolidor exibida pelo Netflix no ano de 2015, conta a história de Matthew Murdock (Charlie Cox). A série é uma adaptação da história em quadrinhos do personagem de mesmo nome criada e distribuída pela Marvel Comics (Stan Lee) em abril de 1964. A série até o momento compõe-se de duas temporadas onde cada uma possui treze episódios, a adaptação de Drew Goddard se aproxima com os quadrinhos da Marvel, onde todos os personagens são fielmente apresentados com seus traços, seus comportamentos característicos, suas performances, suas ações e até seus figurinos foram produzidos com o objetivo de manter a originalidade da história vinda do HQ.

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Devry-Brasil-Fanor, email: brennodivulgacoes@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Devry-Brasil-Fanor, email: jeffersonweyne@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Professor do Curso de Publicidade da Devry-Brasil-Fanor, email: dcavalcante2@fanor.edu.br

Matthew Murdock, personagem protagonista da série é um advogado cego que quando criança sofreu um acidente envolvendo produtos químicos, que ocasionou a perda da sua visão, no entanto, trouxe consigo uma melhoria nos outros sentidos. Um dos pontos importantes da trajetória do personagem na narrativa é quando ele perde o seu pai, Jack Murdock, um lutador de boxe que deveria entregar uma luta e não o fez, o que acaba lhe custando à vida, em consequência Matt acaba ficando sozinho, somente lhe restando o dinheiro que seu pai tinha ganhado com as lutas. O garoto foi morar em um convento, onde permaneceu por um tempo.

Na primeira temporada a narrativa apresenta a história em dois momentos: o desenvolvimento dos seus sentidos aguçados na infância, e o uso desses sentidos na fase adulta, quando ele se divide: durante o dia um advogado cego, e a noite em um vigilante da cidade Hell's Kitchen que atua segundo a sua vontade combatendo os criminosos. Nessa primeira fase, é possível compreender a essência do personagem e como os acontecimentos de sua infância são importantes na hora de criar o “demolidor”. Paralelo a isso são apresentados aos vilões que compõem a trama, bem contextualizado, cada personagem tem o seu momento na série, todos são devidamente apresentados.

Na segunda temporada, é apresentado o mundo do “demônio”. Levando em consideração que já era conhecida a história de Matt, a segunda temporada apresenta novos personagens importantes da trama: como é o caso de seu amigo Foggy (Elden Henson) e sua secretária Karen Page (Deborah Ann Woll), Stick (Scott Glenn), o velho que tirou o garoto Murdock do orfanato para treiná-lo.

Neste trabalho iremos observar cenas onde o personagem em sua relação cotidiana com o ambiente em que está inserido, precisa realizar ações de ataque contra seus inimigos. A partir da abordagem da semiótica proposta por Peirce, analisaremos os processos de semiose, ou seja, de ação do signo desenvolvido pelo personagem principal.

A definição básica signo para Peirce é: “Qualquer coisa (fundamento do signo) que conduz alguma mente (interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu objeto), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente” (J. TEIXEIRA, 2005, p.74).

Aqui, interessa-nos analisar como os signos sonoros (fundamento) representam os espaços-inimigos (objetos) para o Demolidor (interpretante). Tratar-se-ia, portanto, de compreender como os sons são traduzidos em espaços por uma mente treinada, a do Demolidor.

1. Semiótica e método de análise

José Teixeira (1999) relata um pouco sobre a biografia de Peirce em seu livro. Filho de um matemático de Harvard, Charles Sanders Peirce, se tornou doutor em química pela mesma faculdade em que seu pai atuava, foi professor de filosofia e acima de tudo um cientista. Conhecido como fundador do pragmatismo e da ciência dos signos, a semiótica. Deixo aqui exposto a necessidade que todos entendam a importância de explorar os estudos e as ramificações do pensamento de Peirce.

Portanto, semiótica é a ciência dos signos. Em qualquer tipo de fenômeno, a semiótica busca seu ser de linguagem ou sua ação de signo (SANTAELLA, 2007). Essa consciência de linguagem em sentido lato trouxe a demanda por uma ciência hábil para elaborar mecanismos de investigação e ferramentas metodológicas capazes de abarcar o domínio multiforme e variado dos fenômenos de linguagem.

O estudo filosófico peirceano é dividido assim: a) Fenomenologia, b) Ciências Normativas: 1) A Estética; 2) A Ética; 3) A Semiótica ou Lógica, que compreende a Gramática Pura, a Lógica Crítica e a Retórica Pura; e c) Metafísica. Para Peirce (SANTAELLA, 1986), o fator básico de um trabalho filosófico é a fenomenológica, no trabalho filosófico de gerir a Doutrina das Categorias, que tem por função realizar a análise extrema das aparências.

A fenomenologia, pelo viés peirceano, é a descrição e análise das experiências que estão à disposição para todo homem. Peirce (J. TEIXEIRA, 2005) chega à conclusão de que tudo que aparece em nossa mente se processa numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, escolhido por Peirce por serem vocábulos livres de associações já marcadas.

Na primeira etapa, primeiridade, são características de mera qualidade, algo imediato, apenas existe. Na segunda etapa, secundidade, já é possível enxergar/ extrair um significado através de uma conexão direta. Como aspectos da terceiridade, podemos perceber que através de associação de significados por meio de mediação-generalização. Nessa etapa fica necessário o uso das duas etapas anteriores.

A noção de terceiridade se conecta com a noção mais básica de signo: a mediação-representação. Nesse sentido, a semiótica é continuidade da fenomenologia. Se esta última

se preocupa com as aparências, a primeira se interessa por aquilo que está no lugar do que se apresenta, ou seja, seus significados.

A partir da divisão das partes que interagem na constituição do signo, Peirce (SANTAELLA, 1986) estabeleceu dez classificações triádicas (tricotomias) dos tipos possíveis de signos. No entanto, para o entendimento da construção desta análise só foi preciso compreender as seguintes divisões de Peirce.

Segundo Santaella (1986), as tricotomias foram classificadas da seguinte forma: A primeira tricotomia trata da relação do signo com ele mesmo, na segunda Peirce nos mostra a relação do signo com o seu objeto dinâmico, e na terceira uma relação do signo com o seu interpretante .

A compreensão a respeito do que corresponde a primeira tricotomia, Santaella (1986) analisou que Peirce organizou os signos a partir das características do próprio signo onde há a classificação de quali-signo que é uma qualidade sgnica imediata, tal como a impressão causada por uma cor. O quali-signo é uma espécie de pré-signo, pois se essa qualidade se singulariza ou individualiza, ela se torna um sin-signo. Como por exemplo, a cor da casca da banana como mera qualidade, apenas uma cor natural sem uma projeção de qualquer significação, características de primeiridade.

Nomeado por Peirce (SANTAELLA, 2007) de sin-signo que é o resultado da singularização do quali-signo: um processo singular. O terceiro tipo de signo da primeira tricotomia é o Legi-signo: uma convenção ou lei. Por exemplo, neste caso, a casca da banana já estaria representando uma relação direta com seu objeto dinâmico, ou seja, a cor da casca representa a qualidade da fruta. O legi-signo seria a parte resultante de uma relação anterior com a presença de um quali-signo e um sin-signo, o resultado de uma impressão mediada por convenções, hábitos ou por leis gerais estabelecidas socialmente. Em legi-signo através de convenções e hábitos o seu interpretante logo identifica através da cor, que a banana que nos referimos anteriormente estaria em qualidade adequada para comer.

Santaella (1986) apresenta que Peirce em sua segunda parte da tricotomia organiza os signos conforme a relação entre ele e o objeto que ele substitui. Ele indica o “caráter representativo” do signo”. Segundo o autor, o signo pode ser um: ícone, que representa uma parte da semiose em que se destacam alguns aspectos qualitativos do objeto. O ícone é o resultado da relação de semelhança ou analogia entre o signo e o objeto que ele substitui. O índice, que assim como o sin-signo, resulta de uma singularização. Um signo indicial é o resultado de uma relação direta entre objeto e signo. A categoria indicial se evidencia pelo

vestígio, pelos indícios. E o símbolo, resulta tal como o legi-signo, da convenção. A relação entre o signo e o objeto que ele representa é convencional ou por meio de hábitos.

A terceira tricotomia é o efeito do signo sobre o interpretante. Ele pode ser rema: corresponde ao que se chama de termo, isto é, signo de essência ou mera possibilidade. Como cheiros ou sons que geram efeitos de meras semelhanças em mentes interpretantes. Pode ser discente, quando o efeito interpretante realiza uma conexão o objeto: gerando atenção ao contexto. Argumento quando se extrai conclusões dos símbolos graças ao conhecimento das regras, leis ou hábitos.

2. Análise semiótica da websérie O Demolidor

Utilizaremos neste estudo a análise de algumas cenas da Websérie Demolidor fazendo uso da semiótica de Peirce. Priorizaremos a relação do signo com seu objeto dinâmico, de forma específica, os processos indiciais que geram efeitos discentes no Demolidor, ou seja, o conecta com a presença dos inimigos. Nessa trama, os sons (signos) estão conectados com os inimigos, ou seja, são indícios de sua presença, possibilitando a leitura do personagem principal.

Na primeira cena (2º temporada, episódio01) o Matt Murdock está em um bar e percebe a presença de uma pessoa extremamente nervosa. Na segunda cena (2º temporada, episódio12) o Demolidor está em uma luta contra alguns ninjas que fazem parte de uma conspiração, neste galpão está aprisionado Stick seu professor e o Demolidor vai ao seu encontro para libertá-lo. Baseado na adaptação de Drew Goddard em 2015.

PRIMEIRA CENA:

Matt: Ei, foggy.

O cara no bar que está olhando para cá, você o conhece?

Foggy: Não. Por quê? Qual é a dele?

Matt: Alta adrenalina.

O coração dele está fora de controle.



Foggy: Bem, ele está perto da Karen.

Matt: Tem algo no casaco dele.

Foggy: Casaco? O lugar está quente.

Não preciso de habilidades para saber que deve estar armado.



SEGUNDA CENA:

Neste momento Stick começa a passar instruções mesmo estando longe:

Stick: Está fazendo errado, garoto.

Se pode me ouvir, temos uma chance.

Ouçã com atenção.

Você tem rastreado as armas deles.

Então, eles as largaram.



Stick: Rastrear batimentos cardíacos é moleza.

Está na hora de ir mais a fundo.

Escute a respiração deles.

Cedo ou tarde, eles têm de expirar.

Quando o fizerem, acabe com eles.



ANÁLISE

“Tudo o que atrai a atenção é índice. Tudo o que nos surpreende é índice, na medida em que assinala a junção entre duas porções de experiência” (J.TEIXEIRA, 2005, p.67). Peirce diz que para um signo ser índice ele precisa ser colocado numa conexão real com o objeto. Classificado como um signo indicial, as cenas que apresentamos mostra Matt usando do seu sentido auditivo super aguçado.

Na primeira cena, os batimentos cardíacos do rapaz indicam seu estado nervoso, ou seja, há uma conexão direta entre a adrenalina e batimento cardíaco acelerado. Fizeram-se necessários a presença da alteração dos batimentos cardíacos e a da respiração, tornando possível a seguinte interpretação: “Se os batimentos cardíacos estão muito acelerados, indica que ele está nervoso”, está explícito o índice. Essas relações indicam estado de tensão, assim, Matt infere que se trata de um suspeito que está prestes a fazer algo perigoso. Na segunda cena é possível perceber que ele vai mais além com os seus sentidos, no momento em que seus rivais não utilizam mais as armas, assim deixando ele com um som a menos para extrair, ele recebe a ajuda de Stick, lhe informando que ele agora deve ser mais astuto e buscar outro recurso para captar os movimentos de seus adversários já que eles teriam deixado suas armas e agora ataca de uma forma mais astuta e silenciosa, então o Demolidor a partir da dica de Stick começa a tentar escutar a expiração dos ninjas, ele parte da convenção em que em algum momento eles vão ter que expirar, pois, este movimento

respiratório seria necessário para a sobrevivência deles na luta, assim tornaria ao Demolidor capaz de lutar de igual para igual com eles.

Na qual esta cena trata-se de um sin-signo-indicial-discente, pois o personagem principal extrai significados do local onde os adversários estão a partir dos sons de sua respiração. Em que a respiração é conectada diretamente com a presença ou não dos ninjas no local. O Demolidor através de seus sentidos auditivos que estão no lugar de sua visão percebe com clareza esses aspectos, tornando-se um aspecto indicial. Enfim, o índice como real, concreto, singular é sempre um ponto que irradia para múltiplas direções. Mas só funciona como signo quando uma mente interpretadora estabelece a conexão em uma dessas direções.

“Nessa medida, o índice é sempre dual: ligação de uma coisa com outra. O interpretante do índice, portanto, não vai além da constatação de uma relação física entre existentes. E ao nível do raciocínio, esse interpretante não irá além de um dicente, isto é, signo de existência concreta” (SANTAELLA, 1986, p.14).

CONCLUSÃO

Podemos perceber que a semiótica serve para interpretar toda e qualquer tipo de linguagem seja ela falada ou não, tudo pode gerar signos. “Esclareçamos: o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele” (SANTAELLA, 1986, p.12).

O demolidor usa a sua audição para entender o meio em que vive e se comunica com o mesmo através de associação e relação direta com os sons, As duas cenas que foram analisadas nesse artigo demonstra isso de forma convicta. Dessa forma, alcançamos o objetivo de entender através do uso da semiótica proposto por Peirce, como ele percebe as coisas do mundo apesar da sua deficiência. A sua audição está no lugar da visão, e os sons no lugar da fala em si.

REFERÊNCIAS

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. Semiótica aplicada. 1ª edição. São Paulo: Thomson, 2007.

PEIRCE, Charles S. Semiótica. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NETTO, José Teixeira coelho. Semiótica, informação e comunicação. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RIBEIRO, Adilson. Diário de um viciado em series: Marvel – demolidor, 2015. Disponível em: <<http://ahoradofilme.com.br/seriados/diario-um-viciado-series-marvel-demolidor/>>.

GEEK, Estação. Resenha – Demolidor (1º Temporada), 2015. Disponível em: <<http://estacaogeek.xpg.uol.com.br/2015/04/11/resenha-demolidor-1a-temporada/>>.